

# NEST: a dinâmica de um grupo transdisciplinar

Dalva Alves<sup>1</sup>

[dalva.alves@uol.com.br](mailto:dalva.alves@uol.com.br)

Célia Regina Barollo<sup>2</sup>

[crbarollo@ajato.com.br](mailto:crbarollo@ajato.com.br)

Aline Amorim<sup>3</sup>

[aline.amorin@superig.com.br](mailto:aline.amorin@superig.com.br)

(NEST – Núcleo de Estudos Superiores Transdisciplinares)

[www.nest.org.br](http://www.nest.org.br)

**Resumo:** as autoras<sup>4</sup> relatam a experiência de formação e evolução de um grupo de estudos transdisciplinares. Apresentam um breve histórico da dinâmica de suas atividades ao longo de seus sete anos de existência, que resultou no processo de autoformação de seus componentes, reverberando em seus espaços de atuação social e profissional. Fazem uma reflexão crítica do desenvolvimento do grupo e concluem o texto mostrando os ganhos ao longo do percurso.

**Palavras-chave:** Transdisciplinaridade, Grupo de estudo, Circulo de palavras, Valores humanos, Trajeto antropológico

## Introdução

Os grupos de estudo de transdisciplinaridade estão se multiplicando e, cada vez mais, pessoas de diferentes formações e interesses estão se dedicando ao estudo desta nova teoria. O grande número de trabalhos inscritos neste II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade é um exemplo vivo deste interesse crescente. Incluímos-nos neste contexto e nossa apresentação, nesta sessão de Estudo de Caso, pretende expor o trajeto do nosso grupo desde sua fundação até o presente momento.

Não nos conhecíamos, mas movidos pela necessidade de novos referenciais e de parceiros para o diálogo, em janeiro de 1999 encontramos-nos em um Curso Básico de Educação e Valores Humanos, em sistema de imersão, promovido pela Fundação Peirópolis. Dentre os participantes, estava o coordenador do curso de pós-graduação de um Centro Universitário de São Paulo, interessado em realizar uma parceria com a Fundação para a implantação de um curso *stricto sensu* – mestrado - em Educação e Valores Humanos e Transdisciplinaridade. A experiência vivida neste curso, oferecido em processo de imersão, foi de tal forma significativa, que nos interessamos pela proposta e passamos a frequentar o curso de mestrado oferecido pela parceria entre as duas instituições.

A afinidade pelo objeto de estudo – valores e transdisciplinaridade -, aproximou-nos ainda mais e vínculos afetivos foram estabelecidos entre nós, despertando, assim, em cada um, o desejo de, juntos, abrirmos um espaço de diálogo para além do período das aulas. Passamos então a organizar encontros semanais, de duas horas, antes do início das aulas, em uma das salas de aula que nos foi cedida pela coordenação da faculdade. Os encontros eram abertos e a cada semana convidávamos uma pessoa, para uma palestra sobre seu campo de atuação – acadêmico ou não – mas com/ou de interesse para o estudo do pensamento transdisciplinar.

Com o nosso movimento de grupo e as participações, que foram as mais variadas possíveis, passamos a ganhar espaços nos eventos promovidos pela coordenação da instituição, geralmente,

---

<sup>1</sup> Diretora do Núcleo de Estudos Superiores Transdisciplinares (NEST)

<sup>2</sup> Conselheira do Núcleo de Estudos Superiores Transdisciplinares (NEST)

<sup>3</sup> Conselheira do Núcleo de Estudos Superiores Transdisciplinares (NEST)

<sup>4</sup> Contamos com a colaboração de Rodolpho Vianna, nosso colega de grupo, na leitura e revisão deste texto.

realizados aos sábados. Também passamos a contar com a presença de estudantes de outros cursos em nossos encontros regulares, incluindo moradores da região em torno do Centro Universitário.

Em novembro do mesmo ano, nosso grupo tornou-se o NEST – Núcleo de Estudos Superiores Transdisciplinares -, formalmente registrado como personalidade jurídica. Foi constituído por profissionais de diferentes formações e campos de atuação (Direito, Educação, Medicina, Psicologia, Sociologia, Artes plásticas e Música, Administração, Marketing, Engenharia e Odontologia). Desde sua criação se propôs a ter como meta de ação a promoção de seminários, cursos, palestras e prestação de serviços sociais e educacionais, tendo como referencial de sua práxis a transdisciplinaridade.



Como forma de representarmos nossos projetos e aspirações, criamos um logotipo sob a forma de uma mandala. A flor de oito pétalas, representando a Rosa de Perséfone, deusa da fecundidade, um símbolo significativo para um dos fundadores do grupo<sup>5</sup>, representava também a dualidade terrena - luz e sombra - ao mesmo tempo em que as oito pétalas representavam o infinito; sua cor azul nos evocava os sinais de proteção, saúde, força material e espiritual. A estrela dourada significava a fonte de luz de nossa origem estelar e nossas aspirações de conhecimento e transcendência; o círculo representava o grupo reunido e o círculo de palavra geradora; dentro dele, no centro, a sigla NEST, trazendo em si, a nosso ver, a carga semântica da palavra *ninho*, que em inglês escreve-se *nest*, como representação da idéia de nutrição, de cuidado, acolhimento, vida e preparação para a vida.

Contudo, por motivos de instabilidade no acordo de parceria entre as instituições mantenedoras do curso de mestrado, e do risco da não continuidade do mesmo, nos desligamos do centro universitário e optamos por dar continuidade às atividades do núcleo de estudos como um grupo de estudo e pesquisa independente.

No entanto, por ser a Transdisciplinaridade uma proposta inovadora, por um determinado período de tempo, passamos por uma busca solitária. Sabíamos que existiam fundamentos para nossas buscas, mas acabávamos envolvidos com os referenciais conhecidos e que já não respondiam às nossas dúvidas. Alguns dos participantes do grupo sentiam uma certa resistência em aceitar os novos referenciais e, em muitos momentos, os conflitos dificultaram a compreensão imediata da proposta, tal qual se apresentava em seus documentos básicos ou em um ou outro livro que chegava às nossas mãos. Desse modo, houve certa dificuldade na compreensão de alguns textos, muitas vezes complexos e, até mesmo, obscuros, que aos poucos nos foram sendo apresentados.

Desta forma, numa visão retrospectiva, podemos dizer que nosso grupo não viveu um processo inicial que possa ser caracterizado como de estudos transdisciplinares, embora tenha sido criado com esse propósito. Transitamos, isto sim, por um conhecimento disciplinar e interdisciplinar; e, em muitos momentos, sentimos necessidade de preencher certas lacunas em nossa formação. Sem consciência de sabê-lo, numa atitude não-deliberada, nossas práticas e estudos ainda estavam num estágio preparatório para a mudança que pretendíamos e que viríamos a alcançar algum tempo depois. Aos poucos, fomos procurando buscar algo que sabíamos que ainda nos faltava, organizando, de forma mais consciente, as programações anuais de estudos, sempre numa atitude reflexiva, em busca de nos aproximarmos de uma metodologia e uma atitude transdisciplinares.

## Histórico do processo vivido pelo nosso grupo

---

<sup>5</sup> KORTE, Gustavo. *A Viagem em busca da linguagem perdida*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1997.

Dando continuidade à apresentação da dinâmica de formação do nosso grupo, consideramos importante relatar de forma resumida, como se deu nosso desenvolvimento ano a ano.

### Primeiro Ano - 1999

O trabalho de grupo, em seu ano de fundação – 1999 -, teve os valores humanos como referencial de estudo a metodologia de Educação em Valores Humanos proposta pelo avatar indiano Sathya Sai Baba (ação-correta, não-violência, verdade, amor e paz), base do projeto de parceria do centro universitário com a Fundação Peirópolis. Nessa época, tivemos contato mais aprofundado com os documentos básicos da transdisciplinaridade: Declaração de Veneza, Carta da Transdisciplinaridade e Ciência e Tradição, por meio da orientação acadêmica do mestrado que estava por conta dos professores da Fundação Peirópolis.

### Segundo Ano – 2000

No segundo ano, deixamos o centro universitário, mas demos continuidade às reuniões mantendo a temática dos encontros em torno da metodologia de educação em valores humanos. Percebemos que não éramos um grupo com perfil devocional, nem estávamos voltados para uma ou outra corrente espiritualista; também não estávamos ligados a uma universidade. Criamos o nosso site: [www.nest.org.br](http://www.nest.org.br)

Através do contato com empresários interessados em nosso grupo, nos propusemos, no primeiro semestre de 2000, à realização do I Simpósio Internacional da Iniciativa Privada para a Prevenção da Criminalidade. Tivemos como um de nossos objetivos, aplicar um modelo de evento que proporcionasse o exercício de uma ação transdisciplinar. Nessa época, por intermédio de uma amiga em comum<sup>6</sup>, contamos com a participação de Américo Sommerman e Maria de Mello em nosso evento; em seguida à realização do simpósio, participamos do 2º. Encontro Catalizador promovido pelo CETRANS. A partir desses acontecimentos, e influenciados por eles, nosso referencial de estudo ampliou-se e passamos à leitura dos textos de Nicolescu, Patrick Paul e Edgard Morin, entre outros.

Como dinâmica de nossos encontros, inspirados pela tradição budista, e mais tarde, fundamentados em Galvani (2000)<sup>7</sup>, estabelecemos em nossos encontros, o círculo de palavras, em que, a partir de um tema gerador, cada um dos participantes podia expressar seu pensamento, a seu tempo e a cada vez melhor elaborado.

### Terceiro Ano – 2001

Nesse momento sabíamos alguns “por quês”, isto é, sabíamos da necessidade e da importância do pensamento transdisciplinar, mas nossa grande questão era: Como? Como transmitir nossas idéias? Como realizar o que pretendíamos? Como fundamentar nossa prática a partir dos novos referenciais? Por que acabávamos sempre repetindo os modelos conhecidos? Por que insistíamos em fazer o novo usando referenciais que não sustentavam nossas proposições? Por que nosso intelecto parecia estar dissociado dos anseios de nossa alma?

Passamos a investir em nossa autoformação e a acompanhar Gustavo Korte (2001; 2004)<sup>8</sup>, um dos fundadores do nosso grupo, no estudo e elaboração de uma metodologia transdisciplinar. Estudamos os pilares da transdisciplinaridade: a complexidade, a lógica da inclusão e os diferentes níveis de realidade. Nesse ano de 2001, parte dos componentes do grupo participou de um encontro com Patrick Paul, em um evento realizado na chácara de um de nossos amigos<sup>9</sup>, no Município do Embu das Artes, em São Paulo.

---

<sup>6</sup> HARUMI, Lucia – terapeuta e especialista Feng Chui.

<sup>7</sup> GALVANI, Pascal (2º. Encontro Catalizador, CETRANS, 2000).

<sup>8</sup> KORTE, Gustavo. *Metodologia e Transdisciplinaridade*. [www.gustavokorte.com.br](http://www.gustavokorte.com.br)

<sup>9</sup> Luiz Fernando Cunha França (médico homeopata)

#### Quarto Ano – 2002

Nesse ano, nossa programação centrou-se no tema Intuição. Os encontros consistiram na apresentação de um texto introdutório preparado por Gustavo Korte, seguido de uma palestra realizada por participantes do grupo ou por convidados. Esses encontros contribuíram para nossa formação, mas ainda dentro de uma visão multi e pluridisciplinar (Nicolescu, 1999). Dessa forma, em nosso encontro de finalização das atividades do ano, decidimos que no ano seguinte investiríamos no estudo da transdisciplinaridade de uma maneira mais efetiva.

Nesse ano, por interesse pessoal<sup>10</sup>, um de nós passou a freqüentar o curso “O Pensamento Transdisciplinar”, oferecido pelo CETRANS.

#### Quinto Ano - 2003

Movidos pela avaliação das nossas atividades no ano anterior, selecionamos alguns textos de autores que vieram ampliar nosso conhecimento (Nicolescu, Galvani, Patrick Paul, Pineau, Morin, Campbell, Levy, dentre outros). Os textos selecionados nos serviram de referencial de leitura, estudo, discussão e reflexão e orientaram nossos encontros ao longo do ano.

#### Sexto ano - 2004

No primeiro semestre, tivemos por objetivo, discutir e dialogar sobre padrões e matrizes. No segundo semestre, a temática girou em torno dos ‘estados de consciência’. Procuramos direcionar as leituras, orientados pela metodologia das oito etapas (caminhos), proposta por Korte, e por nós discutidas em anos anteriores. Algumas reuniões foram gravadas e transcritas e colocadas em nosso espaço virtual de e-grupo.

Os encontros seguiram o seguinte roteiro: a) abertura; b) abordagem individualizada das questões propostas para a leitura, por exemplo, cada um falou sobre padrões de felicidade, verdade etc.; c) sugestão de bibliografia pertinente às questões levantadas pelo grupo.

#### Sétimo ano - 2005

Inicialmente, definimos como temática básica os *Valores nas várias tradições e na filosofia*. Em razão da participação de novas pessoas nas reuniões semanais, optamos por adiá-la para o segundo semestre. Retomamos as leituras dos referenciais básicos da transdisciplinaridade, dedicamo-nos à organização de uma terminologia referenciada do discurso transdisciplinar, como um exercício preparatório para o acompanhamento e para a nossa participação no II Congresso Mundial. Também, no primeiro semestre, recebemos dois convites significativos. Fomos convidados a compor, como colaboradores, o quadro de professores do curso de extensão universitária: “Abordagens do Conhecimento: Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade”, na UNIFESP, no período de junho a novembro de 2005, sob a coordenação do Prof. Dr. Afonso Carlos Neves. E convite para uma participante do grupo<sup>11</sup> ser pesquisadora do Projeto Acolhendo, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no estudo sobre Espaços de Criação e formação de professores numa perspectiva inter e transdisciplinar, sob a coordenação da Profa. Dra. Nilce da Silva.

#### **Momentos de avaliação e autocrítica**

Questionamos o modelo de grupo com reuniões abertas. A experiência de grupo aberto demonstrou-se pouco produtiva, uma vez que ao recebermos um novo participante para a reunião, eram

---

<sup>10</sup> Dalva Alves

<sup>11</sup> Dalva Alves

retomados alguns pontos básicos do nosso trabalho e estudo, geralmente, estendendo-se essas conversações ao longo de toda a reunião e prejudicando seu desenvolvimento.

Outra dificuldade encontrada pelo grupo se deu em razão da falta de clareza sobre o tipo de coordenação: pré-determinada, compartilhada ou não. Também pela dispersão relativa à falta de disciplina no comparecimento às reuniões e à dedicação às leituras, ou quando alguém comparecia com um assunto novo, muitas vezes, não pertinente ao tema previsto para a reunião. Isto aconteceu (ainda acontece) com certa frequência, causando um desconforto e fazendo com que parte do grupo se contrariasse e desmotivasse. Vale lembrar que esta crítica não pretende que as atividades se fechem em uma programação rigidamente pré-estabelecida, mas que haja uma flexibilidade equilibrada na introdução de novos temas.

Consideramos importante mantermos uma modalidade de aula dialogada, com a exposição do tema por um dos membros, a palavra de cada um dos participantes com comentários e perguntas pertinentes ao exposto e fechamento pelo coordenador da reunião. Percebemos a necessidade de incluirmos em nossos encontros, atividades em que pudéssemos vivenciar mais nossa subjetividade e nosso mundo simbólico.

Percebemos também a necessidade de incluirmos um rito na abertura e no fechamento dos encontros. Experienciamos esta prática algumas vezes, mas ainda não a incorporamos de fato.

### **Trajetória antropológica do grupo**

Embora tenhamos passado por um processo muitas vezes considerado por nós mesmos como um processo multidisciplinar ou pluridisciplinar, nossa postura individual e grupal levou-nos, em diversos momentos, a uma reflexão sobre nossa própria autoformação. Através de discussões, muitas vezes acaloradas, fomos procurando preencher as lacunas que percebíamos existir e que dificultavam nossa busca em direção ao conhecimento e à atitude transdisciplinar.

Buscamos o conhecimento do conhecimento, a consciência do caminho percorrido e a percorrer e a possibilidade do exercício constante da transformação. Como resultado, obtivemos o cultivo da afetividade, a criação de multiplicadores, a efetividade - atitude prática que mais que mover montanhas, move almas, conecta níveis de realidade, combina dimensões e ativa percepções. Os grupos transdisciplinares, entre eles o NEST, contribuem para o despertar da "consciência" para que cada um possa assumir seu papel de agente na sociedade, no meio ambiente e diante de si mesmo, resgatando a emoção da vida solidária e fraterna entre nossos semelhantes.

Para nós, como membros do grupo, mesmo diante dos inúmeros conflitos intra, inter e transpessoais, o caminho percorrido trouxe-nos uma transformação recebida como ganho. Se nos primeiros anos não tínhamos consciência disso, temos agora a certeza de que vivenciamos um rico percurso na direção de uma experiência viva, que nos aproximou do trajeto antropológico (Galvani, 2002), em sua dinâmica interativa da consciência tripolar (auto, hétero e ecoformativa). Sentimo-nos, assim, melhor preparados para uma ação mais afetiva, efetiva e criativa ao lidarmos com os desafios contemporâneos.

### **BIBLIOGRAFIA**

BARBIER, René. O educador que trabalha na formação de adultos como homem do futuro. In: *O homem do futuro: um ser em construção*. São Paulo: Triom, 2001.

BOFF, Leonardo e MURARO, Rose Marie. *Feminino e Masculino*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, pp. 273-287.

CAMPBELL, Joseph. *A Extensão Interior do Espaço Exterior*. Rio de Janeiro: Campus, 1991, cp 3.

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE. In: *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO/USP, 2000.

CIÊNCIA E TRADIÇÃO: Perspectivas Transdisciplinares para o Século XXI. In: *Educação e transdisciplinaridade II*. São Paulo: Triom, 2002.

DECLARAÇÃO DE VENEZA. In: *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO/USP, 2000.

GALVANI, Pascal. A Autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. In: *Educação e Transdisciplinaridade II*. São Paulo: Triom, 2002.

KORTE, Gustavo. *A viagem em busca da linguagem perdida*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1997.

KORTE, Gustavo. *Iniciação à Ética*. São Paulo: Juarez de Oliveira, 1999.

KORTE, Gustavo. *Metodologia e transdisciplinaridade*. Disponível em: <http://www.gustavokorte.com.br> . Acessado em: janeiro de 2005.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34 – Col. Trans, pp75-86 e 135-151.

MORIN, Edgar. *Sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2001.

MORIN, Edgar. O pensamento complexo, um pensamento que pensa. In: *A inteligência da Complexidade*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 2ª ed. São Paulo: Triom, 2001.

PAUL, Patrick. *Os diferentes níveis de realidade*. São Paulo: Polar, 1998.

PINEAU, Gaston. *Temporalidades na formação*. São Paulo: Triom, 2003.

SILVA, Daniel José da Silva. O paradigma transdisciplinar: uma perspectiva metodológica para a pesquisa ambiental. In: *Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais*. São Paulo: Signus, 2002, pp. 71-94.

SÍNTESE DO CONGRESSO DE LOCARNO. Disponível em: <<http://www.cetrans.futuro.usp.br>>  
Acesso em: agosto de 2002.

TEXIER de GÁMEZ, Enoé. *Redes de comprensión*. Venezuela: Secretaria UCV/FACES, UCV,1999.